



HOMOSSEXUALIDADE NOS ANOS 60 A 80 NA CIDADE DO RECIFE: uma análise de suas práticas e representações sociais.

Nadia Patrizia Novena¹
Lúcia Bahia Barreto Campello²
Maria Tereza de Farias³
Luiz Mário Moutinho⁴
Hugo Barreto Campello⁵

Resumo: Esta pesquisa analisa as práticas e as representações sociais da homossexualidade vivenciadas nos anos 60 a 80 na cidade do Recife, através da pesquisa bibliográfica e de entrevistas narrativas com homossexuais. Nos anos 60, a região do Cais do Porto e a do Mercado representavam espaços de grande força erótica. Nos anos 70 e 80, surgem os espaços GLS, na Boa Vista, a Terça-feira Negra, no Pátio de São Pedro, espaço dos movimentos afros que acolhiam também homossexuais. O primeiro espaço para lésbicas foi no Bairro do Arruda. Estes espaços operavam como dispositivos de produção de subjetividades, pois representavam para os homossexuais um lugar de liberdade para vivenciar e manifestar a sua sexualidade.

Palavras-chave: Gueto. Homossociabilidade. Espaço urbano. Dispositivo de produção de subjetividades.

Embora ao longo da história seja possível identificar sentidos e significados sexuais que se aproximam da homossexualidade⁶, a subcultura homossexual moderna teve início somente na segunda metade do século XIX, de modo que as pessoas que se

¹ Doutora em Sociologia e Profa. Adjunta da Universidade de Pernambuco/UPE. novena@uol.com.br

² Especialista em Alfabetização, Técnica Educação Governo de PE. luciabcampello@hotmail.com

³ Especialista em Alfabetização, Técnica Educação Governo de PE. mtzfarias@gmail.com

⁴ Licenciando em Educação Física. lmoutinho@yahoo.com.br

⁵ Professor de Educação Física. hugorcampello@hotmail.com

⁶ Na Grécia antiga onde era comum homens mais velhos manter relações sexuais com rapazes; na Roma antiga onde esperava-se que membros menos poderosos (passivos) deviam se submeter a homens de status superior (ativos); e na era cristã em que aqueles que mantinham relações sexuais apenas com indivíduos do mesmo gênero não eram significativamente distinguidos daqueles que cometessem o pecado da sodomia ou adultério com parceiros de gênero oposto. Por sua transgressão, não receberiam qualquer rótulo/identidade além da de 'pecadores' – porém, vale ressaltar que os construcionistas sociais rejeitam nomear tais relações de homossexuais. Argumentam os autores que tal conceito não se aplicaria àquela época. Além disso, esses estudiosos observam que, antes da expansão do Cristianismo, as atividades sexuais entre pessoas do mesmo gênero não eram registradas de forma particular e que, até fins de 1800, quando se criou essa nomenclatura, não podia ter sido desenvolvida uma identidade homossexual (RUST, 1995; LIPKIN, 1999; WEEKS, 1999), ou melhor, um discurso sobre a homossexualidade tal como o conhecemos na contemporaneidade.

interessavam sexualmente por indivíduos do mesmo gênero podiam descobrir-se uns aos outros na cultura das cidades em crescimento (WEEKS, 1999, p. 65). No entanto, vale salientar que esse processo de descobrimento do “igual” e do “diferente”, somado à transformação na vida familiar, a partir do século XVII, e às definições dos papéis sociais e sexuais masculinos e femininos, levou a um processo de estigmatização dos homens que não se conformassem e/ou não correspondessem aos papéis sociais e sexuais deles esperados (WEEKS, 1999, p. 67).

Alguns fenômenos histórico-culturais contribuíram para o fortalecimento da heterossexualidade enquanto instituição, tais como a mudança nos padrões de fertilidade e a utilização de técnicas de controle de natalidade e aborto; do mesmo modo, a ênfase, no século XX, do sexo como prazer trouxe a reflexão da busca da satisfação nas relações sexuais de casais (WEEKS, 1999, p. 64). Tais fenômenos contribuíram para novas significações da sexualidade, inclusive sobre a homossexualidade, o que teve repercussão sobre os padrões de normalidade baseados na heterossexualidade.

Por conseguinte, a partir do final do século XX, a homossexualidade passa a ser vista como uma opção ou uma orientação, dando novos rumos à revolução sexual empreendida a partir dos anos 60. A sociedade normatizada, ou seja, onde o corpo tinha a função específica de procriar, passa a ser questionada, aflorando com isso a busca do prazer, independente do sexo e da função. Essa revolução com base na ideia da igualdade entre os sexos permitiu a organização de grupos e de movimentos, como os feministas e dos homossexuais, que reivindicam um lugar social de maior reconhecimento e maior liberdade na expressão corporal, sexual e verbal.

A emergência das identidades estimulou o surgimento de movimentos sociais – os chamados novos movimentos sociais, como o homossexual, por exemplo – com o objetivo de problematizar as relações de poder e buscar o respeito aos direitos fundamentais e à liberdade dos indivíduos. Nesta busca dos grupos identitários – os chamados grupos minoritários, – ocorre a luta simbólica e política pelo espaço público que repercute necessariamente na organização espacial urbana, em suas normas de “ocupação” definindo com isso quem tem autorização para ocupar este lugar e de que forma.

O interesse neste estudo pela categoria de espaço urbano quando situada, em especial, na teoria pós-moderna se deu em função da possibilidade de compreendermos os processos de vigilância, controle e poder, tal como descritos por Foucault. Esses processos nos permitiram compreender a ampliação dos movimentos homossexuais ao

longo da história, num duplo sentido – tanto na inclusão de outras identidades, como na conquista de reconhecimento social sobre sua pertinência; e a dinâmica de estabelecimento dos espaços de interação homossexual num determinado período histórico, suas representações e sentidos.

Outro aspecto a ser considerado em relação ao espaço e às identidades é que a “ampliação dos sistemas de significação e representação cultural se ampliaram, somos confrontados por uma multiplicidade cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente (HALL, 1999, p. 13) repercutindo no surgimento de novos arranjos identitários que certamente buscarão seu fortalecimento – tanto individual como coletivamente – a partir da organização de novos movimentos, com novas demandas em termos de reconhecimento e conquista de espaço.

Estes movimentos que problematizam as relações de poder em torno das produções sociais das identidades e das diferenças buscam, basicamente, o respeito aos direitos fundamentais e à liberdade dos indivíduos em suas identidades. Todavia, deve-se perceber que estas relações identidades/diferenças são fortemente marcadas por relações de poder e, neste sentido, a afirmação das identidades e a marcação das diferenças implicam sempre em operações de incluir e de excluir, de classificar e hierarquizar. Parece-nos que é nesse sentido que a categoria espaço poderá expressar esta relação quando este é delimitado ao gueto.

Assim, a escolha da categoria gueto para este estudo foi condicionada por duas possibilidades de análise: a primeira relacionada ao sentido descritivo inicial do termo designando a ocupação, deliberada ou não, e a organização espacial urbana por grupos minoritários – gueto como uma área “natural”, produto da “história da migração”, por exemplo; e a segunda, a partir do alargamento deste conceito apresentada por Wacquant (2004), em que o gueto revela-se como um dispositivo sócio-organizador, como um espaço incubador simbólico da produção de uma identidade maculada, designando portanto, uma forma especial de violência coletiva concretizada no espaço urbano.

O gueto homossexual, constituído por espaços urbanos públicos ou comerciais, como bares, boates, cinemas, é o espaço de compartilhamento das vivências homossexuais (FRANÇA, 2007).

A partir desse contexto, algumas questões foram levantadas para este estudo: quais são e como são representados os espaços de interação dos grupos LGBT na cidade

do Recife nos anos 60 e 80? Como as vivências e as interações afetivo-sexuais aconteciam nesses espaços?

Esta pesquisa que se propõe a analisar as práticas e as representações sociais da homossexualidade vivenciadas nos anos 60 a 80 na cidade do Recife, apropriando-se das categorias de espaço urbano, homossexualidade e gueto.

As primeiras reflexões apresentadas foram construídas a partir da pesquisa bibliográfica – desenvolvida a partir de material já elaborado constituído de livros e artigos (GIL, 2002) e da entrevista narrativa. As narrativas são uma das principais formas discursivas nas quais as representações sociais se desenvolvem; quando sujeitos sociais organizam eventos em uma trama, eles os revestem com significados, valores e afetos que são o material substantivo das representações sociais (JOVCHELOVITCH, 2002, pp. 143 e 147). A entrevista narrativa tem por objetivo “reconstruir acontecimentos sociais a partir da perspectiva dos informantes, tão diretamente quanto possível, ou da vida pública” (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2002, p. 93).

Neste estudo, essa técnica nos permitiu reconstruir brevemente as práticas e as representações sociais da homossexualidade vivenciadas nos anos 60 a 80 na cidade do Recife, tendo em vista a escassez de documentação e registros sobre esse assunto; ao mesmo tempo, estas entrevistas foram feitas admitindo que nas narrativas sobre este evento representações sociais seriam produzidas e difundidas.

Considerando esses elementos, foram entrevistados pelos pesquisadores quatro homossexuais – três homens e uma mulher. Os critérios para a escolha dos sujeitos da pesquisa foram dois: que se identificassem como homossexuais e que tenham frequentado espaços GLS (gays, lésbicas e simpatizantes) com certa frequência e há algum tempo durante o período dos anos 60 a 80.

Os procedimentos adotados para a realização das entrevistas seguiram as seguintes orientações de Jovchelovitch e Bauer (2002, pp. 98-100): a) explicação do contexto da investigação em termos amplos ao informante; b) apresentação do tópico inicial a fim de deslanchar o processo de narração; c) não interrupção durante o processo narrativo, até que houvesse uma clara indicação de que a entrevista dava sinais de que a história havia terminado; d) as questões que surgiram durante a escuta foram anotadas; e) ao fim natural da narração foram apresentados questionamentos.

Os materiais bibliográficos e os depoimentos delimitaram o período histórico determinado para esta pesquisa.

No aspecto político, o período delimitado para este estudo é caracterizado pela presença dos militares na condução do país. Em especial, no governo do general Emílio Garrastazu Medici, em 1969 em que acontece a intensificação da repressão com a execução de uma severa política de censura. Jornais, revistas, livros, peças de teatro, filmes, músicas e outras formas de expressão artística são censurados. Muitos professores, políticos, artistas e escritores são investigados, presos, torturados ou exilados do país. O DOI-Codi (Destacamento de Operações e Informações e ao Centro de Operações de Defesa Interna) atua como centro de investigação e repressão do governo militar.

Especificamente em relação à luta pelos direitos homossexuais no Brasil, Trevisan (2000) afirma que em 1964, com a promulgação da Lei 5250, conhecida como a Lei da Imprensa, impôs punições a quem divulgasse pela mídia fatos atentatórios à moral pública e aos bons costumes. Através desta Lei é que o governo ditatorial passou a regular as manifestações e expressões da homossexualidade.

Porém, pouco a pouco, começam a se instalar alguns sopros de democracia no Brasil com o surgimento do Movimento de Liberação Homossexual no Brasil que, segundo Trevisan (2000, p. 336), fez parte de um processo mais amplo de abertura e de diálogo com o mundo.

Esse movimento de abertura que permitiu o retorno ao Brasil dos exilados políticos introduziu novas inquietações nos âmbitos da ecologia, dos movimentos feministas, anti-racistas e homossexuais. Iniciava-se, então, uma época de novos desafios aos valores sociais com a discussão e o questionamento sobre o uso das drogas, dos códigos sexuais como a virgindade feminina antes do casamento e da heterossexualidade normativa para homens e mulheres (TREVISAN, 2000, pp. 340-343).

Em especial, os movimentos feminista e homossexual buscavam romper com a ideia presente na sociedade de sexualidade biologizante e naturalizada, ou seja, da sexualidade como sinônimo de procriação e de heterossexualidade para buscar instituir a ideia das sexualidades alternativas.

Nesta mesma década ocorre, segundo Trevisan (2000), o “desbunde gay”: uma série de acontecimentos em diversos espaços da vida social que trouxe à tona variadas expressões da homossexualidade no Brasil. Elas se tornaram visíveis na arena política dos movimentos sociais e minoritários, na cultura e na mídia através de artistas e obras teatrais, musicais e na literatura como, por exemplo, o grupo “Secos e Molhados” e o

lançamento do Jornal Lampião, entre outros (TREVISAN, 2000, pp. 287 e 342). Tal contexto criou condições para o surgimento dos primeiros núcleos do movimento homossexual, que reivindicavam a liberdade às práticas sexuais, o direito à cidadania, os direitos humanos e a liberação e a afirmação da identidade homossexual.

Estes movimentos e grupos de defesa dos direitos humanos de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais que surgiram ao longo da história, tiveram vários formatos que foram apresentados a partir de diferentes designações. A sigla LGBT (lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais) é produto dessa construção histórica no Brasil, que se deu a partir da criação do Grupo de Afirmação Homossexual (SOMOS⁷), em 1978 – data que marca a origem do movimento GLBT no Brasil, hoje conhecido por LGBT⁸.

Além dos espaços dos movimentos homossexuais, onde se discutia a configuração dos projetos de politização da questão da homossexualidade, um outro espaço passa a fazer parte da cena da cidade, o gueto homossexual.

Uma das razões de escolha dos homossexuais em compartilhar suas experiências no gueto está relacionada ao reconhecimento de que este é um espaço seguro e isento de manifestações homofóbicas, representando, portanto, um espaço de proteção e liberdade.

MacRae (2005), no artigo *Em defesa do gueto*, afirma que o homossexual tomado por sentimentos de anormalidade, culpa e pecado, somados à ameaça do ostracismo social, tende a se “ocultar” no gueto. Segundo este autor, este espaço apresentaria as condições para que o homossexual experimentasse a vivência nesta identidade, possibilitando a construção de sua identidade social e, com isso, seria criada a condição de assumi-la em espaços menos restritos, chegando até a apresentar-se nesta condição em todos os espaços que frequenta. Daí, a defesa do gueto.

⁷ "Queremos ser o que somos". Frase usada como slogan pelo *Grupo Somos*.

⁸ Em junho de 2008, em consonância com a posição da ABGLT (Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais), foi aprovada na 1ª Conferência Nacional GLBT outra adequação na sigla GLBT, passando para LGBT – sigla recomendada para uso em todas as comunicações feitas por suas afiliadas, mídia e governo. Esta alteração na sigla, segundo a ABGLT (2008), foi justificada a partir de dois aspectos: 1) o lançamento do Manifesto do Coletivo de Mulheres da ABGLT, que apresentou demandas de mulheres lésbicas, bissexuais e transexuais e que objetivou dentre outras coisas estimular a incorporação do feminismo no cotidiano, nas formulações e nas prioridades da associação; e 2) a necessidade de garantir maior visibilidade ao movimento de lésbicas – já que este é o que se encontra com menor representação – que da mesma forma que os movimentos e associações internacionais como a International Lesbian and Gay Association (ILGA), a Lesbian and Gay Foundation, do Reino Unido, e a National Lesbian and Gay Journalists Association, dos Estados Unidos, o movimento no Brasil prioriza as lésbicas a fim de combater os séculos de patriarcalismo e dominação/opressão masculina.

Assim, o gueto se apresenta como um espaço identitário em que as pressões da sociedade podem ser colocadas de lado, propiciando, a princípio, identidades mais afirmativas.

Mas que espaços foram construídos neste período de tanta efervescência cultural e de tantos “desbundes gays” na cidade do Recife?

Através da pesquisa bibliográfica, tivemos acesso aos *Diários de Tulio Carella*⁹. Nestes, ele relata a sua vivência na cidade do Recife nos anos 60, e diz que mesmo alarmado pelas perseguições dos rapazes no Cais do Porto, que o apalpavam, beliscavam e lhe sussurravam galanteios ao ouvido, ele gostava do que via e ouvia. Gostava da força erótica da cidade (CARELLA, 2011).

Carella relata ter descoberto as pensões só para homens que ficavam próximas ao Cais de Santa Rita, onde se hospedou e viveu grande parte de suas experiências homossexuais.

O que chama atenção é que embora Carella tenha vivenciado suas experiências mais intensas limitadas à região do centro, ele é tomado por uma atmosfera de liberdade em relação ao sexo, que ele atribuía à força erótica da cidade, de tal modo que confessa ter conhecido apenas dois países – a Itália e o Brasil – com uma atitude de liberdade diante do sexo, tanto para satisfazer as necessidades quanto os desejos e as fantasias. Este sentimento foi tão intenso para Carella, de tal forma que, considerou sua experiência na cidade como um renascimento (CARELLA, 2011).

A homossexualidade na cidade do Recife: breves relatos.

Nos anos 70, a repressão fortíssima advinda da ditadura militar repercutia na cidade do Recife, deixando-a tomada pelo clima de insegurança e desconfiança.

A cidade era muito menor que hoje e muito provinciana tal como é até hoje. Naquele período, a cidade não tinha muitos espaços de lazer “alternativos”. Um deles era o bar *Mustang*, situado na Avenida Conde da Boa Vista, no centro do Recife.

Este espaço simbolizava a onda do “desbunde gay¹⁰” que tomava o Brasil todo. Era um espaço de socialização para os gays, onde eles paqueravam e flertavam. Podemos considerar que os primeiros sinais de afirmação da homossexualidade, aliás

⁹ Além das experiências homossexuais na cidade do Recife, os Diários de Tulio Carella retratam a cultura e a dinâmica da cidade nos anos 60. Relatam suas impressões sobre o povo, sua indignação com a pobreza e com os processos de repressão instalados no Brasil.

¹⁰ Segundo Trevisan (2000), o “desbunde gay” corresponde a uma série de acontecimentos em diversos espaços da vida social que trouxe à tona variadas expressões da homossexualidade no Brasil.

não só da homossexualidade, mas de todas as coisas que não se enquadravam nos paradigmas de “normalidade”, aconteceram neste espaço.

O *Mustang* funcionava como um gueto, pois representava a possibilidade de manifestação/expressão da homossexualidade. Lá se encontravam os intelectuais, travestis, lésbicas. Era como uma tribuna viva, uma tribuna da diversidade, um ambiente anárquico e progressista do “desbunde gay”.

Além deste espaço, havia boates gays que ficavam por trás do Cine São Luís. Assim que o *Mustang* fechava no final da noite, todos iam para lá. Essas boates também recebiam a todos – gays, lésbicas, travestis, intelectuais e artistas.

Outro espaço bem interessante da época era o *Vivencial Diversiones* – um grupo de teatro que ficava próximo ao Complexo Salgadinho. Mais que um grupo de teatro, era um grupo anárquico que fez muito “barulho” na cidade. Para os gays e pessoas alternativas, ele representava uma válvula de escape desse momento de repressão. Era uma alternativa de resistência, de contracultura. Este grupo teve uma visibilidade local e nacional.

Em relação à homosociabilidade e às visibilidades dos grupos LGBT, os relatos mostram que da mesma forma que hoje, pode-se dizer que naquela época todos tinham uma liberdade relativa, ou seja, ela era definida em função do gueto. “Dentro do gueto nós podíamos, fora não”.

Os relatos ressaltam que, embora a cidade tenha evoluído, parece que pouco mudou em relação à homossexualidade, quanto aos seus preconceitos e discriminações. Ou seja, mesmo existindo um número muito maior de pessoas que expressam a sua homossexualidade, seus prazeres corporais, em alguns casos de uma forma até mais explícita que antes, tudo continua muito “guetual”. A rua, os locais públicos comuns a todos continuam da mesma forma, muito conservadores. As vivências no gueto, que segundo os relatos poderiam trazer uma sensação de liberdade, inclusive possibilitando a afirmação da identidade, na verdade esses sentimentos são relativos, pois estão circunscritos ao gueto.

É importante ressaltar que este processo de segregação desses territórios acontece tanto por parte de quem está “dentro” como da parte de quem está “fora”, o que leva à produção de processos de vigilância e controle de ambos os lados. Assim, tal como no Panóptico descrito por Bentham – somente como analogia – os que estão dentro vigiam/controlam os de fora e vice e versa (FOUCAULT, 1987, pp. 166-167). Por isso,

o gueto não é simplesmente um produto e instrumento do poder, mas também, ele próprio é dotado de poder.

Vale ressaltar que nos anos 70 e início dos anos 80, mesmo com a repressão acirrada, pouco a pouco vão surgindo novos bares e boates gays, a maioria deles concentrados no Bairro da Boa Vista – centro da cidade. Nestes espaços, frequentados sobretudo por gays da classe média, eram realizados eventos como o Miss Pernambuco Gay, Gala Gay e *strip teases* masculino e feminino.

Embora nestes eventos, de acordo com os relatos, o ambiente fosse muito erotizado, havia muito respeito no trato das pessoas que frequentavam os eventos, não existindo algum tipo de assédio moral e/ou físico. As interações homoafetivas eram livres, pois “havia um sopro de liberdade no ar”. Mesmo com essa liberdade e com essa “pegação”, “as coisas não se resolviam ali”, mas sim na “calada” da noite, em espaços próprios para isso.

Outro ponto de encontro de homossexuais na cidade era o Pátio de São Pedro, especialmente às terças-feiras, quando acontecia o evento da “Terça-feira Negra” – evento que acontece até os dias de hoje. Neste espaço, além de acolher os movimentos afros, os gays se encontravam tanto para namorar, como também para encontrar um parceiro, flertar, buscar um outro “igual”.

Vale salientar que embora este espaço tenha até hoje a marca da presença dos movimentos afros, outras minorias além dos grupos homossexuais se encontram, como travestis, emos e punks indicando a possibilidade do gueto representar um espaço acolhedor das diferenças. Trata-se, portanto, de um espaço de proteção e liberdade construído a partir de diferentes identidades (WACQUANT, 2004).

De acordo com os relatos, somente nos anos 80 surge o primeiro espaço para lésbicas situado no Bairro do Arruda, onde um casal de mulheres transformou a sua casa num Bar. A iniciativa de abertura do bar deu-se em função da escassez de espaços para as lésbicas se encontrarem.

Os relatos enfatizam que o processo de socialização e afetividade das lésbicas acontecia de forma discreta, muito diferente dos gays. Consideramos que esta diferença no estabelecimento das interações entre as lésbicas pode ser pensada em função da configuração do paradigma da feminilidade. Ou seja, parece que os estereótipos que impregnaram o feminismo na história das sociedades civilizadas, como a fragilidade, a delicadeza, a submissão, a discrição, pareciam servir de contorno também para as relações lésbicas da época (LEONEL, 2011).

Considerações Finais

A homossociabilidade foi representada nos relatos circunscrita aos guetos. Embora os espaços/guetos tenham se ampliado quantitativamente contribuindo para novas construções culturais a este respeito, tudo funciona dentro da mesma referência dos anos 60, 70 e 80, ou seja, têm-se muitos *Mustangs*, mas todos eles são “guetuais”.

Com este estudo vimos que os espaços de homossociabilidade nas décadas de 60 a 80 na cidade do Recife têm em si sentidos que produziram e deram visibilidade – por meio da inscrição de suas memórias, culturas e ordens sociais – a uma cultura gay.

Estes espaços – através dos guetos – de homossociabilidade do Recife operavam como um dispositivo de produção de subjetividades, pois representavam para os homossexuais um lugar de liberdade para vivenciarem e manifestarem a sua sexualidade. Estes espaços eram marcados por inserções de classe, de gênero, raciais e etárias.

Referências

CARELLA, T. *Orgia: os diários de Tulio Carella*. São Paulo: Opera Prima, 2011.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir, nascimento da prisão*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987.

FRANÇA, Isadora Lins. Sobre “guetos” e “rótulos”: tensões no mercado GLS na cidade de São Paulo. *Cadernos pagu* (28), Campinas, janeiro-junho de 2007:227-255.

GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4.ed.São Paulo: Atlas, 2002.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin. Entrevista Narrativa. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som, um manual prático*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

LEONEL, Vange. Lesbofobia. In: VENTURINI, Gustavo; BOKANY, Vilma.(orgs) *Diversidade Sexual e Homofobia no Brasil*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2011

MACRAE, Edward. Em defesa do gueto. In: GREEN, James N.; TRINDADE, Ronaldo (Orgs.). *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. São Paulo: Ed. Unesp, 2005. p. 291-308.

TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso (a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade)*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

WACQUANT, Loïc. Que é Gueto? construindo um conceito sociológico. *Revista de Sociologia Política*. Curitiba, 23, p. 155-164, nov. 2004.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: GUACIRA, Lopes Louro (org). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.